



QUESTÕES DE INTERTEXTUALIDADE E LEITURA EM O MISTÉRIO DAS TREZE PORTAS NO CASTELO ENCANTADO DA PONTE FANTÁSTICA

Wanilly do Nascimento Félix¹
Daise Lilian Fonseca Dias²
Ana Carla das Chagas³

RESUMO: Este artigo analisa intertextualidades presentes na obra de literatura infanto-juvenil, *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012), do cearense José Flavio Vieira como recurso que proporciona ao leitor diálogos entre a cultura e saberes do Nordeste, com outras culturas e saberes desde o âmbito nacional ao universal, uma vez que a obra dialoga com textos literários clássicos universais. Entendemos que o fenômeno da intertextualidade não deve ser negligenciado no ato da leitura, sobretudo no contexto escolar, uma vez que um leitor proficiente é aquele que recupera/ constrói diversos sentidos que o texto lhe proporciona. Portanto, o professor de Língua Portuguesa precisa estar atento à tessituras textuais que remetem a padrões culturais diversos e que levam o leitor a perceber a si mesmo e a sua cultura em relação a outros elementos culturais diversos. Nesta empreitada, partimos do princípio dialógico de Bakhtin (2003), segundo o qual, o leitor não apenas constrói sentidos no ato da leitura, mas também é construído por eles. Assim, para melhor se entender e recuperar as intertextualidades sugeridas pelo autor da obra em apreço é fundamental que se promova uma leitura que contemple os diálogos multiculturais por ela ensejados. Para tanto, utilizamos o suporte teórico de Koch (2000) e Carvalhal (1992), dentre outros, que nos remetem à importância do leitor assumir uma postura ativa diante dos textos lidos, recuperando marcas presentes de outros textos, mas também resignificando-as e criando novos sentidos na interação com aspectos próprios de sua cultura.

Palavras-chave: Intertextualidade, Leitor, Literatura Infanto-Juvenil.

INTRODUÇÃO

O leitor de todos os tempos, não só o contemporâneo, tem sua formação/construção definida socialmente, ou seja, somos um resultado de tudo que nos cerca, de todas as nossas vivências. Logo, pensar ou desejar textos genuinamente “originais” é algo “impossível,” visto que os textos, assim como nós, só existem devido a um conjunto de eventos e dizeres que se uniram e tomaram sentido na vida do autor. Isso ocorre tanto na expressão verbal quanto na não

¹ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFELETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; wanillyfelix@gmail.com;

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; daiselilian@hotmail.com;

³ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFELETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; anacarlachagas05@hotmail.com ;



verbal e é conhecido como um fenômeno dialógico, denominado intertextualidade. É sobre esta questão que este artigo se debruçará, ao analisar uma obra de literatura infanto-juvenil, vencedora do I Prêmio Rachel de Queiroz (2010), *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012), do escritor cearense, José Flavio Vieira.

O escritor deu voz e vida a antigos moradores da cidade do Crato, que foram transformados em personagens principais de sua obra, mantendo vivas não só as lendas que os envolvem, mas também despertando um interesse em quem ler sua obra para conhecer e melhor entender estes antigos moradores, cujas vozes foram apagadas ou silenciadas por tantos anos, em vida e na sua própria história. A obra é uma abordagem rica da história e do folclore local, com música, cores, imagens, mesclando fatos, lendas e fantasias dos moradores daquela região. O autor constrói sua narrativa através de elementos da tradição literária erudita, tais como a lenda, o conto de fadas, o épico, utopia, distopia, com destaque para a riqueza que a intertextualidade com diversos textos estrangeiros lhe permitem, a exemplo da *Bíblia* e obras de Shakespeare. Assim, ele ressalta e valoriza a cultura nordestina, isto é, o local, o regional, o nacional, situando-o em um contexto literário e histórico mais amplo.

METODOLOGIA

Nossas discussões estão voltadas para a análise de uma obra literária direcionada para o público infanto-juvenil, *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012), a qual retrata personagens históricos das mais diversas camadas sociais da região do Crato, no Ceará. Este livro leva o leitor a um mergulho na cultura nordestina, nos seus mais diversos aspectos, a saber, religiosos, históricos, literários, musicais, folclóricos, dentre outros, tudo isto, de modo divertido, propiciando ao leitor um conhecimento claro sobre o modo de pensar e falar próprios da região. Esta obra constitui-se em um gênero híbrido, pois é construída na reunião de diversos aspectos da cultural popular e erudita locais, em interface com inúmeros elementos da cultura erudita nacional e internacional, sobretudo em suas relações intertextuais com literaturas canônicas e religiosas diversas, as quais estão presentes na cultura nordestina.

O objetivo da análise aqui empreendida é construir um olhar crítico-teórico sobre a intertextualidade, utilizada pelo autor em sua obra, com vistas a prover o professor de Língua Portuguesa de um conhecimento diferenciado sobre a cultura nordestina e a forma popular e erudita utilizada por José Flávio Vieira, na composição de sua obra, uma verdadeira epopeia



nordestina. Ao longo da análise, serão destacadas, separadamente, as principais linhas seguidas pelo autor para mostrar o quanto da cultura erudita está presente na cultura popular nordestina, sobretudo no âmbito da literatura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ora, o ato de ler é um dos mais importantes mecanismos para a construção de indivíduos críticos. Um bom leitor é capaz de dialogar com textos, verbais, não verbais ou mistos, ou seja, é capaz de ler o mundo à sua volta, depreendendo das leituras que venha a fazer intenções presentes nestes diálogos que a vida lhe impõe. Assim, despertar a prática leitora, ou o leitor proficiente é o maior desafio do ensino contemporâneo e, para tanto, precisamos pensar em competência leitora. Neste sentido, podemos nos perguntar: o que precisa um indivíduo para ser um bom leitor? A resposta para este questionamento nos parece clara: querer/gostar de ler.

Apesar de parecer simples, indubitavelmente, um dos fatores mais importantes para a produção de sentido de um texto é o leitor e suas intenções, mas isso não é o suficiente. O bom leitor precisará acionar habilidades e conhecimentos que lhe ajudem a dar sentido ao que ele lê. Parafraseando Bakhtin (2000), o leitor não só constrói os sentidos da leitura, mas também é construído por esses sentidos, ou seja, o leitor, ao interpretar um texto, aciona vários outros textos e promove um diálogo entre eles, construindo sentidos. Essa relação que se dá entre o leitor e o texto contribuem positivamente para sua formação como cidadão, permitindo que este melhore suas vivências.

A cada novo texto lido, mais conhecimentos o leitor irá acumular e recorrerá a estes sempre que for necessário, formando uma cadeia de sentidos promovida pela interação destes vários textos, essa capacidade de fazer ligações entre suas leituras, é a mais importante habilidade de um leitor, que ativa seus conhecimentos de mundo, faz inferências, levanta hipóteses, capta conclusões, compara ideias, tudo para dar sentido ao texto lido, a final como nos diz Carvalhal (1992, p. 53), “A repetição de um texto por outro, de um fragmento em um texto, a colagem, a alusão, a paródia, nunca é inocente”, ou seja, é de fundamental importância que o leitor recupere estas marcas dialógicas no texto para dar sentido ao que ler, este é o fenômeno da Intertextualidade

Segundo Koch (2000, p. 46):



Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

À vista disso, consideramos importante destacar a relevância da intertextualidade para que o trabalho com a obra possa, de fato, nos ajudar no incentivo à prática leitora e, conseqüentemente, na escrita, pois o fenômeno da intertextualidade é, indubitavelmente, um importante aliado do professor e do leitor. Segundo Carvalho (1992, p. 53-54), podemos assim entender este fenômeno:

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) reinventa.

Assim, chamamos de intertextualidade o diálogo entre textos, ou seja, é a capacidade de um texto retomar outro, e este diálogo pode acontecer de duas maneiras, explícita ou implícita. Quando o leitor precisa recorrer às informações subentendidas no texto, pois as informações não estão claras, ele está diante de uma intertextualidade implícita já quando as informações estão colocadas de forma clara, expressas, sem ambigüidades a intertextualidade é explícita. Ambas contribuem para a compreensão global do texto. Os textos artísticos costumam adotar mais a intertextualidade implícita, para que o leitor recupere estas informações nas entrelinhas, dando a este uma maior responsabilidade, uma vez que ele precisará agir ativamente para recuperar os sentidos do texto. Esta é uma das principais funções da arte literária, promover experiências e reflexões. A seguir, ilustraremos alguns exemplos de intertextualidade na obra em apreço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012) *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012), de José Flavio Vieira, dialoga com as seguintes obras e tradições literárias e religiosas:

Intertextualidade com histórias da tradição (folclórica) oral



Um caso de intertextualidade *O Mistério das treze portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica* (2012) está diretamente localizado no campo da tradição de histórias orais, como aquela da personagem Canena que é mais conhecida como Papa-figo, na região do Crato, Ceará. Muito familiar no nordeste brasileiro e muito popular, sobretudo até os anos de 1980, diz-se que ela comia o fígado de crianças peraltas. Muitos pais usaram desta fama que foi a ela atribuída para evitar danças dos filhos. Outro caso de história da tradição oral e importante na região nordeste, é aquele da famosa lenda da Caipora, retomada na descrição do personagem pelo Rei da Serra: “Então fiz amizade com a Caipora, que é o espírito que protege os animais que são perseguidos pelos caçadores” (VIEIRA, 2012, p. 37). Nestes dois exemplos, temos uma amostra de aspectos comuns aos contos de fadas, isto é, figuras assustadoras do folclore local. Neles, temos o Lobo Mau, bruxas e madrastas. O toque sobrenatural não é tão recorrente no Brasil, exceto em lendas de origem indígena. Na obra, temos o assustador apresentado dentro dos limites do plausível e do sobrenatural.

É nítida a intenção do autor José Flávio Vieira em permear de fantasia a história da região do Crato/CE. Isso nos permite passear na história local através de fatos históricos que se tornaram “lendários” no imaginário local com o passar do tempo, como quando ele nos relata o surgimento do Caldeirão⁴, através do personagem Beato Zé Lourenço, que remete ao verídico Beato Zé Lourenço, líder da comunidade Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, uma comunidade de agricultores muito produtiva, que se auto-sustentava. Aqui ele faz as vezes de um Homero local, colocando no papel feitos de alguém que um povo consagrou nas suas tradições orais mais queridas.

Vieira prossegue no seu intento de registrar para a posteridade elementos universais que se tornaram locais, através de lendas, como aquela do Lobisomem⁵, no caso, *via* definição do personagem Vicente Finim “Eu sou lobisome, mei lobo, mei homem/ Destino ingrato, eu vivo assim/ Se a lua é cheia viro lobisomem/ Na lua bem nova: Vicente Finim” (VIEIRA, 2011, p. 46). Este tipo de construção também pode ser vista em outros mitos, como a personagem

4 “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto ou Caldeirão dos Jesuítas[1] foi um dos movimentos messiânicos que surgiu nas terras do Crato, Ceará. A comunidade era liderada pelo paraibano de Pilões de Dentro, José Lourenço Gomes da Silva, mais conhecido por beato José Lourenço. “

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Caldeir%C3%A3o_de_Santa_Cruz_do_DesertoAJEITE

5 “Lobisomem ou licantropo (do grego λυκάνθρωπος: λύκος, lykos, "lobo" e άνθρωπος, anthrōpos, "homem"), é um ser lendário, com origem na mitologia grega, segundo as quais, um homem pode se transformar em lobo ou em algo semelhante a um lobo em noites de lua cheia, só voltando à forma humana ao amanhecer.”

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lobisomem>



Vovô Jéfferson que é uma divindade que protegia a terra ou o lugar em si, comparando-o a Deméter⁶.

A obra em apreço também nos faz refletir sobre questões importantes para esta região, como o descaso com o meio ambiente, quando aborda o desaparecimento do Soldadinho (soldadinho-do-araripe)⁷, pássaro típico da região do Cariri, ameaçado de extinção global. Assim, mesclando mistério e realidade, o autor reinventa/ reconta a história do Cariri, presenteando o leitor com uma obra regional encantadora. Esta e outras questões debatidas na obra, em relação ao meio ambiente, remetem à questões de utopia e distopia, tão presentes na obra, a qual é construída retratando o espaço local como um reino utópico, semelhante aos elementos de contos de fadas, mas que é corrompido e destruído por forças do mal, tornando-se uma distopia, cuja condição utópica é restaurada ao final, em um arremate típico de contos de fadas.

Intertextualidade com obras clássicas da literatura

Uma vez que a obra bebe nas mais diversas fontes culturais ocidentais, encontramos nela um acontecimento que remete ao mito da Esfíngre grega, como na cena em que Dona Regina explica a Mateu como fará para quebrar o encantamento do Reino de Aimará:

Suba a Serra. É lá pras bandas do Olho D'água do Diabo, pertinho da Ponte de Pedra. Só tem um problema: a serpente vai te testar, fazendo três perguntas. Se você não resolver as charadas, ela vai te engolir! Se passar no teste, Mateu, ela vai te dar a chave para resolver o feitiço (VIEIRA, 2012, p. 23).

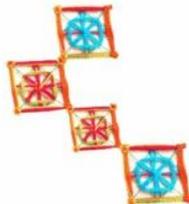
Machado (2002) destaca a relevância de o professor considerar a tradição grega nas aulas de literatura, notadamente por ser uma das culturas que forjaram o modo de vida ocidental. Neste caso da Esfíngre, tem-se a questão de um rito de passagem para o herói que,

6 “Deméter (em grego: Δημήτηρ, transl.: Dēmētēr) ou Demetra (em grego: Δήμητρα, transl.: Dēmētra), na mitologia grega, é a deusa da colheita e da agricultura, uma olímpica, filha de Cronos e Reia.[1] É também deusa da terra cultivada e das estações do ano. É propiciadora do trigo, planta símbolo da civilização. Na qualidade de deusa da agricultura, fez várias e longas viagens com Dioniso ensinando os homens a cuidarem da terra e das plantações.”

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%A9ter>

7 “O **soldadinho-do-araripe** é uma ave rara e ameaçada de extinção, que somente se encontra na Chapada do Araripe, região Nordeste do Brasil.”

Fonte: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/soldadinho-do-araripe>



assim como Édipo e Hércules, por exemplo, venceram as charadas da Esfinge e deram prosseguimento ao seu destino heroico. Isto remete ao valor do herói para os rumos da sua sociedade, tanto para o mal (um resultado negativo, como em Édipo) quanto para o bem (como no caso de Hércules). O herói da obra e seu destino estão mais próximos de Hércules, não pela força, mas pela inteligência que o faz solucionar o enigma e ajudar seu povo.

Temos ainda um caso de intertextualidade explícita com o clássico, *Dom Quixote*, quando Mateu abre a porta onde se encontra o Padre Verdeixa e diz: “O homem era magro e desengonçado, parecia um Dom Quixote: Padre Verdeixa.” (VIEIRA, 2011, p.65). Além da aparência do personagem, a intertextualidade com a obra de Cervantes aparece de modo implícito na atmosfera de aventura mítica que permeia ambas as obras. Assim, o leitor precisará recuperar estes diálogos para que a leitura ganhe sentidos, sendo necessário tanto a compreensão do que é intertextualidade, como também refletir sobre a presença e a importância destes diálogos entre estes textos, que ele irá recuperar na leitura.

Na narrativa em apreço, há fortes marcas de intertextualidade com a literatura europeia (da qual, boa parte também se formou a brasileira), tais como aquela relacionada ao famoso personagem da literatura inglesa, Gulliver⁸, como se observa a descrição do personagem Príncipe Ribamar da Beira-Fresca: “Desde aquele dia, fiz inúmeros empreendimentos no Reino de Aimará: instalei por lá a primeira “Fábrica de Descarregar Fumaça”; montei, também, a primeira “Usina de Beneficiamento de vento” (VIEIRA, 2011, p. 53). A sátira de Swift à pompa e à circunstância inglesa em relação à sua suposta superioridade em relação ao resto do mundo que lhes parecia inferior é postamente clara pelo irlandês, através dos cientistas liliputianos, mas retomada pelo cearense.

Intertextualidade com a Bíblia

Além dos exemplos acima de intertextualidade, temos o caso da Bíblia, na passagem do dilúvio que destruiu todo o reino de Aimará:

[...] Só houve um pequeno problema: eles não calcularam o tamanho do dilúvio que haviam provocado. Com algumas horas, a água

⁸ Na verdade, *As aventuras de Gulliver* (1726), é um romance do irlandês Jonathan Swift, mas como a Irlanda era colônia inglesa à sua época (ela o foi do século XIII até 1922, quando houve a divisão em duas Irlandas, uma livre, a República da Irlanda e, a outra, ainda sob o domínio inglês, a Irlanda do Norte), ele é arbitrariamente considerado um autor inglês. Esta marca da colonização implica no apagamento da identidade nacional e cultural do autor, ao rotulá-lo de “inglês, bem como sua obra.



começou a banhar a encosta da serra e, já à noitinha, começou a inundar o acampamento dos aimaraenses em cima da serra.[...]
(VIEIRA, 2012, p. 14,15).

Este conteúdo de origem bíblica constitui-se em uma marca cultural brasileira, em virtude de o país ser de maioria cristã, e é também uma forte característica da Região Nordeste, que se destaca no país pelo seu apego às tradições cristãs. Portanto, é um tipo de intertextualidade facilmente identificável pelos leitores da obra. Machado (2002) recomenda que esse tipo de tradição religiosa não pode ser desconsiderada no trabalho com o texto literário, sobretudo porque é um elemento que moldou a forma de ser, de pensar e de agir do Ocidente e, por óbvio, do povo brasileiro. Nesse sentido, a alusão posta na obra acerca do dilúvio, destaca o quanto de um elemento universal (no sentido de ser um aspecto da cultura ocidental estrangeira) se tornou local na cultura brasileira, de forma que sua presença na obra destaca a inserção do nosso país em um contexto cultural mais amplo, o que pode ser visto como uma ponte para o estudo de outras culturas e suas relações de identidade e/ou alteridade com a nossa.

Mediante o exposto, observamos que a obra em estudo, *O Mistério das trezes portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica*, é uma obra rica em muitos quesitos, mas como tantos outros textos, orais ou escritos, não está isenta da ação de outros dizeres, por isto dialoga, ao mesmo tempo com textos bíblicos e textos de outra natureza, como aqueles que fazem uso do fantástico e do maravilhoso, tudo isso entrelaçado, por vezes, em um único parágrafo:

Mateu e Catirina, depois de expulsos do Reino de Aimará, partiram sem destino. Catirina estava já com três anos de gravidez e, estranhamente, o neném não dava sinais de querer nascer. A viagem foi longa e cansativa. A burrinha quase que não suportou o esforço (VIEIRA, 2012, p. 16).

Este trecho, dialoga com a passagem bíblica que relata o nascimento de Jesus, quando Maria teve que empreender uma longa viagem e em condições precárias – em virtude do tipo de transporte existente à época, sobretudo o jumento, um animal típico das narrativas bíblicas e amplamente associado ao nordeste brasileiro - para a cidade de Belém, mesmo estando grávida. O tempo da gravidez da personagem rompe com o realismo da associação com o texto bíblico, e insere o improvável na cena, ao tempo em que se aproxima do caráter miraculoso que norteia a concepção de Cristo pela virgem Maria.



A intertextualidade com a Bíblia também pode ser observada na passagem da décima porta, na canção do Beato Zé Lourenço, que se inicia com os versos: “Se viemos do barro mundo/ Se nascemos da mesma costela”, que remetem ao relato bíblico da criação. Temáticas bíblicas também podem ser encontradas no falar de outros personagens que representam o homem comum da região e sua devoção ao Cristianismo - sendo esta uma característica recorrente na cultura nordestina - como na canção do personagem Capela, que foi um dos mais conhecidos homossexuais desta região, uma vez que trabalhou como cozinheiro em vários cabarés da cidade do Crato. Em uma das canções da obra em estudo, ele se intitula: “Às vezes Sansão,/ Às vezes Dalila”, remetendo ao relato bíblico do herói trágico e de proporções épicas, Sansão, e seu fatídico romance - impróprio para sua fé - com a prostituta Dalila. Aqui tem-se o homem destruído pela sua entrega indevida aos prazeres mundanos. Vale salientar que este personagem histórico e seu representante ficcional, se intitulava Sansão ou Dalila, porque era homossexual (aqui reside sua identificação com a prostituta Dalila) e muito valente, pois ele batia em muitos homens que agiam de modo errado, como bater em mulher por exemplo (um herói justiceiro, como Sansão).

Temos ainda uma comparação do Vovô Jéfferson - ilustre morador da cidade de Crato que foi o dono do Sítio Fundão, hoje conhecido como Geossítio Batateira⁹. Até o seu falecimento Vovô Jéfferson manteve a área do Fundão florestada - a “Moisés prestes a atravessar o Mar Morto,” remetendo-nos a Moisés, importante personagem do Antigo Testamento, em um momento de grande perigo, mas que é protegido milagrosamente por Deus. A inexistência – Moisés e o povo de Israel atravessam, na verdade, o Mar Vermelho – ilustra a falta de leitura bíblica comum na região, mesmo sendo ela o Livro Guia da fé abraçada pela maioria do povo nordestino, fato que revela a confiança nos líderes religiosos para instruírem-nos nos assuntos da fé..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, observa-se que a obra em estudo dialoga com diferentes tradições culturais, de modo explícito e implícito, e revela o quanto de tais culturas estrangeiras estão

⁹ “Situado no Município de Crato, o **Geossítio Batateiras** está localizado na área do Parque Estadual Sítio Fundão e representa uma ótima opção para turismo ecológico. O Geossítio é cortado pelo Rio Batateira e está localizado ao sopé da Chapada do Araripe, área onde estão presentes fontes naturais de água que fertilizam a Região do Cariri. Com uma área de 93,54 hectares, o Sítio Fundão tem como objetivo a preservação de ecossistemas naturais, possibilitando a realização de pesquisa e atividades de educação ambiental.”

Fonte: <https://www.turismocariri.com.br/project/geossitio-batateiras-sitio-fundao/>



entrelaçadas à cultura nordestina. O autor reúne em sua obra um aparato literário das mais variadas tradições literárias, que vão da local à mitologia grega, demonstrando sua erudição e aprofundamento nas mais variadas tradições literárias do ocidente. Sua obra, portanto, guardadas as devidas proporções, assemelha-se ao tipo de épico europeu, derivado, por óbvio, do grego. Esse épico europeu, seja ele de inspiração cristã (*Paraíso Perdido*, de John Milton) ou pagã (como *Beowulf*, possivelmente posto no papel por um monge, na Inglaterra) reúne elementos locais, mas caracteriza-se pela intertextualidade com obras das mais variadas tradições, culturais, literárias e religiosas.

Ao beber nas mais diversas tradições culturais e literárias, o autor do livro em estudo parece seguir princípios da estética épica ao produzir uma obra que serve como um documento histórico/cultural do seu povo, ao tempo em que o insere em um universo multifacetado de outras culturas que estão presentes tanto na local quanto no seu próprio texto. Assim, ao tempo em que demonstra sua erudição, eleva e engrandece o seu povo, tanto o homem comum “anônimo” quanto figuras históricas que forjaram a história local e nacional, ressaltando quanto o externo (de outras culturas) se tornou interno na cultural local que, semelhante ao Brasil como um todo, na condição de ex-colônia, nasce como nação - mediante os moldes europeus - na intersecção entre as mais diversas tradições estrangeiras, as quais ainda perduram no dia-a-dia local da cultura nordestina, por exemplo.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. **São Paulo: Martins Fontes**, 2003

BENTES, Anna Christina. *Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola*. Cap. 6. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – **Brasília : MEC/SEF**, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental*. – **Brasília : MEC/SEF**, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 2ª Ed. **São Paulo. Ática**. 1992.



CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: Dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: *Estudos Históricos*, **Rio de Janeiro**, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

FAZENDA, I., (1994). *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. (15th ed.) **São Paulo: Papirus**.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. **Londrina: EDUEL**, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça; Elias, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*, 3. ed. **São Paulo: Contexto**, 2010.

_____, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8.ed. **São Paulo: Cortez**, 2002.